

Apresentação inicial na Comissão Parlamentar  
de Inquérito à Recapitalização da Caixa Geral  
de Depósitos e à Gestão do Banco

CARLOS SANTOS FERREIRA

## ÍNDICE

### **1. Nota Prévia**

### **2. Introdução**

2.1 Convite e Renúncia

2.2 Administradores que saíram

2.3 Administradores que entraram

2.4 Composição do Conselho de Administração

2.5 Pelouros

2.6 Fiscal Único e Auditor Externo

### **3. Exercício de 2005**

3.1 Situação em geral e na Europa

3.2 Situação em Portugal

3.3 A Caixa Geral de Depósitos

Quotas de mercado em Portugal

Principais indicadores

Crédito, Imparidades e Risco de crédito

Resultados, dividendos e impostos

Ratings

Factos relevantes do exercício

Nota

### **4. Exercício de 2007**

4.1 Situação em geral e na Europa

4.1 Situação em Portugal

4.3 A Caixa Geral de Depósitos

Quotas de mercado em Portugal

Principais indicadores

Crédito, Imparidades e Risco de crédito

Resultados, dividendos e impostos

Ratings

Factos relevantes do exercício

Nota

### **5. Período 2005 – 2007**

5.1 Crédito

5.2 Imparidades de crédito

5.3 Ratings

### **6. Que se passou?**

## **1. NOTA PRÉVIA**

Inútil será sublinhar a minha disponibilidade para, na medida das possibilidades, prestar a informação que a Comissão necessite para atingir os seus objectivos.

Cumpre-me contudo alertar para alguns factos:

Iremos, porventura, falar de temas que ocorreram há nove, dez ou onze anos.

Não trouxe, quando deixei de exercer as minhas funções na CGD, quaisquer documentos da Empresa, nem mesmo actas de reuniões onde tivesse participado ou normas que tivessem sido publicadas.

Procurei, nestes tempos que precederam esta audição, ler documentos públicos como sejam os relatórios e contas. Mas, trabalhando sem staff desde já peço que seja relevado qualquer lapso que involuntariamente possa ter cometido nesta leitura e recolha de elementos.

## **2. INTRODUÇÃO**

**2.1** Fui convidado para exercer as funções de Presidente do Conselho de Administração da CGD, em finais de Julho de 2005 pelo Ministro das Finanças de então, Prof. Teixeira dos Santos.

A Assembleia Geral electiva verificou-se em 1 de Agosto de 2005, produzindo a sua deliberação efeito a 04 de Agosto

## **2. INTRODUÇÃO** (cont.)

**2.2** Deixaram, pela deliberação de Agosto de 2005 de pertencer ao Conselho de Administração, 5 Senhores Administradores: o Presidente Dr. Vítor Martins, o Vice-Presidente Dr. João Freixa, a Dra. Gracinda Raposo e os Drs. Luis Alves Monteiro e Vila Cova.

**2.3** Passaram a integrar o Conselho o Presidente (eu próprio) e os Drs. Armando Vara e Francisco Bandeira.

**2.4** O Conselho de Administração reduzido de 11 para 9 elementos, passou, assim, a ter a seguinte composição:

## 2. INTRODUÇÃO (cont.)

- Presidente:	Carlos Santos Ferreira
- Vice-Presidente:	Dr. Antonio Maldonado Gonelha
- Administradores:	Dr. José Berberan e Santos Ramalho
	Dr. Vitor Lopes Fernandes
	Dr. Carlos Silva Costa
	Dra. Maria Celeste Cardona
	Dr. Norberto Sequeira Rosa
	Dr. Armando Martins Vara
	Dr. Francisco Marques Bandeira

Por carta de 27/12/2007, e referindo que tinha decidido encabeçar uma lista candidata ao Conselho de Administração do BCP S.A., renunciei ao lugar para que tinha sido eleito em 01/08/2005.

O novo Conselho de Administração foi eleito por Deliberação Unânime por escrito de 09 de Janeiro de 2008 que, nos seus próprios termos produziu efeitos a partir de 10 de Janeiro desse mesmo ano.

## 2. INTRODUÇÃO (cont.)

### 2.5 A distribuição inicial dos pelouros (Agosto de 2005) era a seguinte:

Carlos Santos Ferreira –	SGE – Secretaria Geral GAC – Gabinete Apoio Conselho DAI – Direcção de Auditoria Interna DGR – Direcção Gestão de Risco GIC – Gabinete Imagem e Comunicação Caixa-Banco Investimento	Dr. Carlos Silva Costa -	DNI – Direcção Negócio Internacional DAC – Departamento Apoio CGA DCR – Dir. Comercial ResidentesEstrangeiro DMK – Direcção Marketing Caixa Web Culturgest
Dr. Maldonado Gonelha -	Projecto “Lider” DPE – Direcção de Pessoal DAS – Departamento Apoio Serv. Sociais DCO – Direcção Consultoria e Organização DGE – Direcção Grandes Empresas DBI – Direcção Banca Institucional	Dra. Maria Celeste Cardona -	DAJ – Direcção Assuntos Jurídicos DRC – Direcção Recuperação Crédito NOT – Nota Privativa Sogrupos S.A.
Dr. José Berberan e Santos Ramalho -	DMF – Direcção Mercados Financeiros Caixa Gestão Activos	Dr. Norberto Sequeira Rosa -	DCP – Direcção de Planeamento, Orçamento e Controlo DCI – Direcção Contabilidade, Consolidação e Informação Financeira DSO – Direcção Suporte Operacional SIBS CISP Esegur
Dr. Vítor Lopes Fernandes-	Empresas de Seguros Sogrupos SI DMP – Direcção Meios de Pagamento DCE – Dir. Comercial Canais Electrónicos	Dr. Armando Martins Vara -	GPS – Gabinete Prevenção e Segurança DEN – Direcção Empresas Norte DES – Direcção Empresas Sul DPF – Direcção Participações Financeiras Sogrupos IV
		Dr. Francisco Marques Bandeira-	DPN – Direcção Particulares e Negócios Norte DPC – Direcção Particulares e Negócios Centro DPL – Direcção Particulares e Negócios Lisboa DPS – Direcção Particulares e Negócios Sul DFI – Direcção Financiamento Imobiliário Empresas de Crédito Especializado

## 2. INTRODUÇÃO (cont.)

Com a eleição do Dr. Carlos Silva Costa para exercer uma das vice-presidências do BEI em meados de 2006, o CA reduziu-se a 8 elementos e procedeu-se a uma redistribuição de pelouros:

Carlos Santos Ferreira -

SGE – Secretaria Geral  
GAC – Gabinete Apoio Conselho  
DAI – Direcção Auditoria Interna  
DGR – Direcção Gestão Risco (Risco Crédito)  
DPF – Direcção Participações Financeiras  
Culturgest  
Caixa Banco Investimento

Dr. Maldonado Gonelha -

Projecto “Líder”  
DCO – Direcção Consultoria e Organização  
DGE – Direcção Grandes Empresas  
DAC – Departamento Apoio CGA  
DNI - Direcção Negócio Internacional

Dr. José Berberan e Santos Ramalho -

DMF – Direcção Mercados Financeiros  
Caixa – Gestão Activos  
DGR – Direcção Gestão de Risco  
Sucursais Londres, Nova Iorque, Cayman

Dr. Vítor Lopes Fernandes -

Empresas de Seguros  
Sogrupos SI  
DMP – Direcção Meios Pagamento  
DMK – Direcção Marketing  
DFI – Direcção Financiamento Imobiliário

Dra. Maria Celeste Cardona -

DAJ – Direcção Assuntos Jurídicos  
DRC – Direcção Recuperação Crédito  
Not – Nota Privativa  
Sogrupos SA  
Caixa Web

Dr. Norberto Sequeira Rosa -

DCP – Direcção Planeamento, Orçamento e Controlo  
DCI – Direcção Contabilidade, Consolidação e Direcção Financeira  
DSO – Direcção Suporte Operacional  
DCE – Direcção Comercial Canais Electrónicos  
Compliance Office  
SIBS / CISP / Esegur

Dr. Armando Martins Vara -

DPL – Direcção Particulares e Negócios Lisboa  
DPS – Direcção Particulares e Negócios Sul  
DES – Direcção Empresas Sul  
Sogrupos GI  
GPS – Gabinete de Prevenção e Segurança  
Direcção Comunicação  
Sucursais França, Luxemburgo e Mónaco  
DBI – Direcção Banca Institucional

Dr. Francisco Marques Bandeira -

DPN – Direcção Particulares e Negócios Norte  
DPC – Direcção Particulares e Negócios Centro  
DEN – Direcção Empresas Norte  
DBR – Direcção Banca para Residentes Estrangeiros  
DPE – Direcção Pessoal  
DAS – Departamento Apoio aos Serviços Sociais  
Empresas Crédito Especializado



## **2. INTRODUÇÃO** (cont.)

### **2.6 Fiscal Único e Auditor Externo**

Nos termos dos estatutos então em vigor, a CGD tinha como Fiscal Único a SROC Oliveira Rego & Associados, representada pelo seu sócio Manuel de Almeida Rego e como Auditor Externo a Deloitte & Associados SROC, SA, representada pela Dra. Maria Augusta Cardador Francisco.

### 3. EXERCÍCIO DE 2005

**3.1** Em 2005 a economia mundial mantinha um elevado dinamismo com uma taxa de expansão da ordem dos 4,3%.

 **4,3%**

As trocas comerciais aceleraram-se durante o ano sobretudo com a intervenção da China e Índia e dos Países da Europa Central e do Leste que aderiram à EU em Maio de 2004.

 **Trocas comerciais**

A Ásia (excepto o Japão) era a região de maior crescimento com taxas superiores a 7% (2,5% no Japão) enquanto os EUA cresciam a 3,5%.

 **7%** Ásia **3,5%** EUA

A economia da União Europeia crescia a uma taxa mais modesta de 1,5%.

 **1,5%**

A taxa de juro directora nos EUA era 4,25% e a do BCE 2,25% (com um aumento de 0.25 p.p. em Dezembro).

 **4,25%** EUA **2,25%** BCE

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

Os principais índices de acções registaram valorizações significativas:

DJ STOXX 50	+20,9%
S&P 500	+ 4,0%
FOOTSIE	+ 17,1%
DAX	+ 28,8%
NIKKEI 225	+ 40,2%

**3.2** Em 2005 a economia portuguesa registou um aumento real do PIB de 0,3 (1,3% em 2004, -1,2% em 2003).

A taxa Euribor era a 1 mês 2,4% e a 12 meses 2,84%.

Na Bolsa, o volume de transacções cresceu 7,6%, o número de investidores activos em títulos portugueses aumentou e o PSI 20 valorizou-se 13,4%.

### **3. EXERCÍCIO DE 2005** (cont.)

**3.3** Em 2005 a Caixa Geral de Depósitos apresentava a seguinte situação no que se refere a:

Quotas de mercado em Portugal

Principais indicadores

Credito, Imparidades e Risco de Crédito

Resultados, Dividendos e Impostos

Ratings

Factos relevantes do exercício

Nota

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### Quotas de mercado em Portugal (Dezembro de 2005)

	Quota	Ranking
Actividade Bancária		
. Activo Líquido <sup>1</sup>	30,9%	1º
. Crédito a Clientes	22,1%	2º
. Empresas	13,7%	-
. Particulares	28,1%	-
. Habitação	33,5%	1º
. Depósitos de clientes	30,2%	1º
. Depósitos particulares	35,8%	1º
Actividade Seguradora		
. Total	22,3%	1º
. Vida	16,6%	3º
. Não Vida	34,3%	1º
Crédito Especializado		
. Imobiliário	11,4%	4º
. Mobiliário	9,2%	5º
. Factoring	14,2%	3º
Resultados Líquidos <sup>1</sup>	24,9%	2º

<sup>1</sup> Considerando os Resultados Consolidados dos 5 maiores grupos do sistema bancário português.

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### Principais Indicadores (Dezembro de 2005) Milhões €

	Individual	Consolidado
Activo Líquido	73.648	84.461
Crédito (bruto)	45.416	51.337
. Empresas	-	17.972
. Particulares	-	30.567
. SPA	-	2.808
Recurso Clientes	43.192	50.162
Resultado (líquido impostos)	351	538
Rácio solvabilidade (BP)	11%	12,40%
Tier 1 (BP)	7,50%	7,40%
Crédito com incumprimento/ Crédito Total	2,69%	2,69%
Crédito Vencido/ Crédito Total	2,39%	2,44%
Cost/income	57,30%	61,20%
ROE (após impostos)	-	15,10%
Nº empregados	10.832	20.778
Nº agências		
Portugal	770	770
Estrangeiro	-	328
Nº escritórios representação	-	10
Capitais Próprios	3.986	-

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### Crédito, Imparidades e Risco de Crédito

(Dezembro de 2005)

Milhões €

---

Crédito Bruto	51.337,2
Imparidades (saldo)	1.401,3
Crédito Líquido	49.935,9
Imparidades (fluxos)	252,4
Custo do risco de crédito	0,49%

---

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### Resultados, Dividendos e Impostos

(2005)

Milhões de €

---

Capital (início período)	2.950
Aumentos capital	0
Dividendos	195
Impostos correntes	124,6

---



### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### Ratings (2005)

---

	Curto Prazo	Longo Prazo	Outlook
Standard & Poors	A-1	A+	Estável
Moody's	Prime -1	Aa3	Estável
Fitchratings	F1+	AA-	Negativo

---

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### FACTOS RELEVANTES DO EXERCÍCIO

Em 2005 verificou-se:

- 1 – A Conclusão dos projectos anteriormente decididos, de desinvestimento no Brasil com a alienação da participação no Unibanco e de investimento em Espanha com o aumento de capital do Banco Simeon.
- 2 – A continuação do Projecto “Líder” lançado em 2004 e focado na actividade de retalho em Portugal (segmentação das redes, optimização de alguns segmentos – gama alta, gama média com potencial e universitários - melhoria da oferta de produtos e melhoria de eficiência e rentabilidade).
- 3 – A Manutenção da liderança no crédito hipotecário e lançamento dum produto vocacionado para a reabilitação urbana com spread 0.
- 4 – O Início do projecto de “Assurfinance” (venda de produtos bancários na rede de mediação

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### FACTOS RELEVANTES DO EXERCÍCIO

Em 2005 verificou-se:

5 – O Início da actividade na área do microcrédito aproveitando o facto de 2005 ter sido designado, pela ONU, como o “Ano Internacional do Microcrédito”.

---

6 – A Entrada em vigor das normas internacionais de Relato Financeiro (IAS / IFRS) também conhecidas por Normas Internacionais de Contabilidade que determinou impactos ao nível do activo, do passivo e dos capitais próprios.

---

7 – O desenvolvimento, na dependência directa do Conselho de Administração, do “Gabinete de Compliance” ao qual passou a competir a coordenação da identificação e gestão de risco de compliance da CGD (gestão de risco de “compliance e prevenção do branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo”).

---

### 3. EXERCÍCIO DE 2005 (cont.)

#### NOTA

“...às vezes, mal chegamos a um sítio temos a tentação de logo reestruturar alguma coisa. Agora em 2005, embora seja sempre possível fazer diferente e melhor, diria que a Caixa estava em velocidade de cruzeiro.”

“... Em 2005 havia crédito fácil, taxas de juro atractivas (embora mais altas que as actuais) não havia limitações de liquidez nem exigências adicionais de capital e vivia-se um período, até, de alguma euforia na actividade bancária”.

(CSF in “História da Caixa Geral de Depósitos 1974 – 2010 – Política Nacional, Banca Pública e Interligação Europeia”. Pedro Lains. Pags 322/326)

## 4. EXERCÍCIO DE 2007

**4.1** Em 2007 o 1º semestre caracterizou-se por um crescimento robusto da actividade económica e comércio mundiais, cenário este que se alterou na 2ª parte do ano na sequência da crise do “subprime” nos EUA.

Apesar disso e em termos globais, o PIB expandiu-se 4,9% com a China e a Índia a crescerem 11,2% e 8,9%.

 4,9%

Nos EUA o crescimento reduziu-se de 2,9% em 2006 para 2,2% em 2007 reflectindo uma queda do investimento total.

 2,2%

Por seu turno, a União Europeia viu o seu PIB crescer 2,8%

 2,8%

A taxa de referência dos EUA foi reduzida em 100bp voltando ao nível de 2005, 4,25%. Em sentido contrário o BCE aumentou as taxas de referência primeiro de 3,5% para 3,75% e depois para 4%, sem prejuízo de no 1º trimestre de 2008, face à situação que se desenhava as ter baixado para 2,25%.

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

Os principais índices bolsistas valorizaram-se no decurso do ano:

---

Dow Jones	+6,6%
Nasdaq	+9,8%
S&P 500	+3,5%
DAX	+22,3%
Ibex	+7,3%

---

**4.2** Em 2007 a economia portuguesa registou um crescimento do PIB de 1,9% (1,2% em 2006).

---

A taxa Euribor era a 1 mês 4,29% e a 12 meses 4,74%

---

Na bolsa o PSI-20 valorizou-se 16,3%.

---

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

**4.3** Em 2007 a Caixa Geral de Depósitos apresentava a seguinte situação no que se refere a:

Quotas de mercado em Portugal

Principais indicadores

Credito, Imparidades e Risco de Crédito

Resultados, Dividendos e Impostos

Ratings

Factos relevantes do exercício

Nota

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### Quotas de mercado em Portugal (Dezembro de 2007)

	Quota	Ranking
Actividade Bancária		
. Activo Líquido <sup>1</sup>	30,5%	1º
. Crédito a Clientes	20,3%	2º
. Empresas	14,9%	3º
. Particulares	23,6%	1º
. Habitação	27,2%	1º
. Depósitos de clientes	27,2%	1º
. Depósitos particulares	32,9%	1º
Actividade Seguradora		
. Total	26,0%	1º
. Vida	23,6%	1º
. Não Vida	31,2%	1º
Crédito Especializado		
. Imobiliário	17,0%	3º
. Mobiliário	12,9%	5º
. Factoring	13,9%	3º
Resultados Líquidos <sup>1</sup>	29,6%	1º

<sup>1</sup> Considerando os Resultados Consolidados dos 5 maiores grupos do sistema bancário português



## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### Principais Indicadores (Dezembro de 2007) Milhões €

	Individual	Consolidado
Activo Líquido	90.053	103.554
Crédito (bruto)	57.266	68.573
. Empresas	-	27.957
. Particulares	-	37.958
. SPA	-	2.658
Recurso Clientes	45.366	54.039
Resultado (líquido impostos)	666	856
Rácio solvabilidade (BP)	11,40%	10,10%
Tier 1 (BP)	-	6,70%
Crédito com incumprimento/ Crédito Total	2,10%	2,10%
Crédito Vencido/ Crédito Total	2,08%	2,09%
Cost/income	50%	55,10%
ROE (após impostos)	-	17,10%
Nº empregados	10.401	20.562
Nº agências		
Portugal	810	810
Estrangeiro	-	377
Nº escritórios representação	-	11
Capitais Próprios	4.933	-

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### Crédito, Imparidades e Risco de Crédito

(Dezembro de 2007)

Milhões €

---

Crédito Bruto	68.573,10
Imparidades (saldo)	1.728,80
Crédito Líquido	66.844,30
Imparidades (fluxos)	249,4
Custo do risco de crédito	0,36%

---

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### Resultados, Dividendos e Impostos

(2007)

Milhões de €

---

Capital (início período)	2.950
Aumentos capital	150
Dividendos	340
Impostos correntes	315,2

---

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### Ratings (2007)

---

	Curto Prazo	Longo Prazo	Outlook
Standard & Poors	A-1	A+	Positivo <sup>2</sup>
Moody's	Prime -1	Aa1 <sup>1</sup>	Estável
Fitchratings	F1+	AA1	Estável <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Subida de 2 notchs em Dezembro 2007

<sup>2</sup> Mudança de "estável" para positivo em Agosto 2007

<sup>3</sup> Mudança de "negativo" para estável em Setembro 2007

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### FACTOS RELEVANTES DO EXERCÍCIO

Em 2007 verificou-se:

**1** – A Consolidação da liderança na área dos seguros  
Aquisição da Companhia Portuguesa de Resseguro  
Criação da Multicare

**2**- Em Moçambique a aquisição de 9% do capital do BCI, passando a CGD a deter 51%.

**3** – O Acordo CGD/BEI respeitando a uma linha de crédito de 100 milhões destinada a financiar empresas.

**4** – O Aumento de capital da CGD em 150 m €.

**5** – A Publicação do Decreto-Lei 106/2007 de 3 Abril que alterou os estatutos da CGD.

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### FACTOS RELEVANTES DO EXERCÍCIO

Em 2007 verificou-se:

6 – Na Sequência da publicação do Decreto-Lei 106/2007 de 3 de Abril procedeu-se à eleição da Mesa da Assembleia Geral para completar o mandato (Presidente Professor Manuel Lopes Porto, Vice-Presidente Dr. Daniel Proença de Carvalho, Secretário Dr. José Lourenço Soares) e elegeu-se o Conselho Fiscal (Presidente Prof. Eduardo Paz Ferreira, Vogal Dr. José Castelo Branco e Dra. Maria Rosa Tobias Sá).

7 – Janeiro de 2008 - Reconhecimento legal da Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest.

8 – Fevereiro de 2008 - Autorização do Banco Central do Brasil para a constituição do Banco Caixa Geral – Brasil.

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### NOTAS

“ Salienta-se que o ultimo trimestre de 2007 foi vivido num clima de preocupação, originado pelos problemas do mercado de crédito subprime nos EUA, com a instalação duma crise nos mercados financeiros, caracterizada, simultaneamente, por uma crise de liquidez das instituições, incerteza quanto ao futuro, imprevisibilidade, graves problemas de solvência em algumas instituições financeiras internacionais, tensões nos mercados monetários, queda das bolsas e revisões sucessivas em baixa das previsões de crescimento das economias, começando nos EUA mas afectando todas as outras. Os sinais de alarme intensificaram-se a partir de Novembro. A obtenção e o custo do “funding” foram-se agravando.

Nos primeiros meses de 2008, os activos com maior risco estão a ser muito penalizados dado o clima de incerteza materializada em volatilidade, confirmando que se está perante uma crise complexa e difícil.

Os bancos estão assim a adaptar as suas estratégias comerciais à nova envolvente.

Os preços têm de ser ajustados às condições de “funding” dos bancos. No entanto o nosso objectivo é o de fornecer crédito em condições competitivas, mas de mercado, à economia e aos nossos clientes.

## 4. EXERCÍCIO DE 2007 (cont.)

### NOTAS

Estamos em condições de o fazer, devido à nossa solidez: a CGD mantém uma boa posição de liquidez, boa rentabilidade, confortáveis rácios de solvência, de Tier 1 e de Core Tier 1, amplos rácios de cobertura, correcta política de controlo de risco e capacidade de gestão e supervisão adequada.

As novas metas do plano estratégico da CGD para o triénio de 2008/2010 deverão reflectir a situação complexa que se vive nos mercados financeiros internacionais.

Os resultados alcançados em 2007 são pois, um objectivo exigente difícil de atingir (ou superar) no actual contexto do mercado em que se espera um crescimento mais moderado no crédito e recursos.”

In “Relatório e Contas da CGD de 2007. Mensagem do Presidente do Conselho de Administração que iniciou o seu mandato a 10 de Janeiro de 2008”



## 5. PERÍODO 2005-2007

### 5.1 Crédito

No período de 2005 – 2007 não houve uma “euforia” de crédito na CGD em Portugal.

A evolução das quotas de mercado de mostra isso.

	Dez 2005	Dez 2006	Dez 2007
Crédito a Clientes	22,1%	20,2%	20,3%
. Empresas	13,7%	13,4%	14,9%
. Particulares	28,1%	24%	23,6%
. Habitação	33,5%	27,7%	27,2%

Verificou-se, pelo contrário, uma redução da quota de mercado no total do crédito, redução essa mais acentuada no Crédito à Habitação, sendo que o único crescimento de quota se verificou no sector de empresas.

## 5. PERÍODO 2005-2007

### 5.2 Imparidades de crédito

No período de 2005 – 2007 as imparidades de crédito mantiveram-se praticamente constantes e em linha com 2004.

	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	Milhões € <b>2007</b>
Imparidades de crédito	225,6	252,4	232,1	249,4

## 5. PERÍODO 2005-2007

Contudo o nível das imparidades e do custo do risco de crédito não superou o de outros bancos portugueses comparáveis.

		Milhões €		
		CGD	BCP	BES
2004	Imparidades	225,6	134	226
	Custo do Risco Crédito	0,47%	0,26%	0,88%
2005	Imparidades	252,4	113	220
	Custo do Risco Crédito	0,49%	0,21%	0,71%
2006	Imparidades	232,1	120	182
	Custo do Risco Crédito	0,39%	0,21%	0,51%
2007	Imparidades	249,4	260	213
	Custo do Risco Crédito	0,36%	0,39%	0,49%
2008	Imparidades	447,6	544,7	274,4
	Custo do Risco Crédito	0,58%	0,71%	0,57%
2009	Imparidades	416,8	560	539,9
	Custo do Risco Crédito	0,52%	0,72%	1,07%
2010	Imparidades	369,1	713,3	351
	Custo do Risco Crédito	0,44%	0,93%	0,67%

## 5. PERÍODO 2005-2007

### 5.3 Ratings

No período de 2005 – 2007 os ratings mantiveram-se estáveis. Mais do que isso, as 3 agências melhoraram, uma no de Longo Prazo e duas nos outlooks. E isto em 2007.

#### Ratings (2005 - 2006 - 2007)

	Curto Prazo			Longo Prazo			Outlook		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
Standard & Poors	A-1	A-1	A-1	A+	A+	A+	Est	Est	Positivo (1)
Moody's	Prime - 1	Prime - 1	Prime - 1	Aa3	Aa3	Aa1 (2)	Est	Est	Est
Fitchratings	F1+	F1+	F1+	AA-	AA-	AA-	Neg (4)	Neg	Est (3)

(1) Agosto 2007

(2) Abril 2007

(3) Maio 2007

(4) Setembro 2005

## 6. O QUE SE PASSOU?

O que se passou foi que a crise que se pressentia no último trimestre de 2007 aconteceu mesmo:

**6.1** O PIB mundial viu o seu crescimento anual cair de 5,6% em 2007 para 4,2% em 2011, para 3,4% em 2014 e para 3,1% em 2015.

5,6% | 2007



3,1% | 2015

A taxa de juro da Reserva Federal dos EUA (valor de final do ano) desceu de 4,25% em 2007 para 0,25% em 2014 procurando, com isto facilitar o financiamento da economia.

4,25% | 2007



0,25% | 2014

A taxa de juro do Banco Central Europeu (valor do final do ano), por sua vez, desceu de 4% em 2007 para 0,05% em 2014.

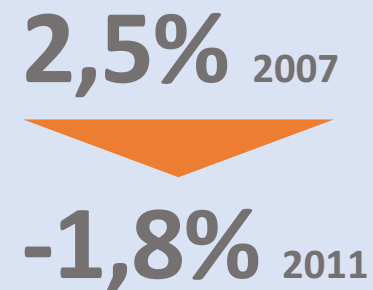
4% | 2007



0,05% | 2014

## 6. O QUE SE PASSOU?

**6.2** Em Portugal a taxa de crescimento anual do PIB passou de 2,5% em 2007 para -1,8% em 2011 começando a subir seguidamente.



O rating da Dívida Pública Portuguesa cai abruptamente e num período curto.

	2007	2011	2014	2015
<b>Moody's</b>	<b>Aa2</b>	<b>Ba2</b>	<b>Ba1</b>	<b>Ba1</b>
<b>Fitch</b>	<b>AA</b>	<b>BB+</b>	<b>BB+</b>	<b>BB+</b>
<b>S&amp;P</b>	<b>AA-</b>	<b>BBB-</b>	<b>BB</b>	<b>BB+</b>

## 6. O QUE SE PASSOU?

O desemprego viu a sua taxa crescer de 8% em 2007 para 12,7% em 2011, 16,2% em 2013 começando depois a descer para 13,9% em 2014 e 12,4% em 2015.

A balança de pagamentos (corrente e de capital) em % de GDP passou de -8,8% em 2007 para -10,7% em 2008 começando apenas a equilibrar-se (0,3% em 2012).

A dívida pública, em % do GDP foi crescendo de forma sustentada, de 68,4% em 2007 até à previsão de 128,8% em 2015.

## 6. O QUE SE PASSOU?

**6.3** No sistema financeiro português em geral e na Caixa Geral de Depósitos em particular, a crise fez-se igualmente sentir.

### Margem financeira e Euribor

No período de 2005 – 2007 a margem financeira da CGD foi subindo progressivamente. Atingiu o seu pico em 2008, tendo caído cerca de 560 milhões no ano de 2009. Estável em 2010, subiu em 2012 mas voltou a cair significativamente em 2013, tendo recuperado em 2014 e 2015. A correlação com a variação das taxas da Euribor é uma evidência.

milhões €

Anos	Margem Financeira	Taxa Euribor - Dez			
		1 mês	3 meses	6 meses	12 meses
2004	1417,9	2,16%	2,2%	-	-
2005	1454,5	2,40%	2,5%	-	2,84%
2006	1777,9	3,58%	3,7%	3,85%	4,03%
2007	2032,0	4,83%	4,66%	4,70%	4,74%
2008	2201,4	3,52%	2,85%	2,94%	3,02%
2009	1641,3	0,47%	0,70%	0,99%	1,25%
2010	1612,7	0,81%	1,00%	1,22%	1,50%
2011	1832,0	1,20%	1,343%	1,606%	1,937%
2012	1357,2	0,113%	0,188%	0,319%	0,543%
2013	930,7	0,170%	0,284%	0,387%	0,555%
2014	1038,3	0,021%	0,076%	0,169%	0,323%
2015	1187,9	-0,161%	-0,132%	-0,041%	0,058%



## 6. O QUE SE PASSOU?

### Crédito, Imparidades e Risco de Crédito

Também os fluxos de imparidades aumentaram embora em linha com o mercado. Assinale-se aliás que a soma das imparidades de crédito da CGD (2008 a 2015) é inferior à do MillenniumBCP e do BES.

		CGD	BCP	BES(1)	BST	BPI	CEMG	BANIF	CA	SOMA
2004	Crédito bruto	48 100	52 147	27 715	16 502	19 290	10 686	5 657	nd	180 097
	Imparidades (saldo)	1 211	1 277	772	571	291	336	148	nd	4 606
	Crédito líquido	46 889	50 870	26 943	15 931	18 999	10 350	5 509	nd	175 490
	Imparidades (fluxos)	226	134	226	nd	62	68	44	nd	761
	Custo do risco de crédito	0,47%	0,26%	0,88%	nd	0,32%	0,63	0,79%	nd	0,42%
2005	Crédito bruto	51 337	54 254	30 832	27 747	21 270	12 785	6 285	nd	204 510
	Imparidades (saldo)	1 401	1 344	830	498	307	370	135	nd	4 887
	Crédito líquido	49 936	52 909	30 002	27 249	20 963	12 415	6 149	nd	199 624
	Imparidades (fluxos)	252	113	220	65	47	76	34	nd	808
	Custo do risco de crédito	0,49%	0,21%	0,71%	0,23%	0,22%	0,59%	0,54%	nd	0,39%
2006	Crédito bruto	58 824	57 912	35 752	28 826	24 941	13 858	7 210	7 764	234 888
	Imparidades (saldo)	1 556	1 242	869	473	311	297	165	779	5 693
	Crédito líquido	57 268	56 670	34 883	28 353	24 630	13 661	7 046	6 685	229 194
	Imparidades (fluxos)	232	120	182	23	36	75	31	40	738
	Custo do risco de crédito	0,39%	0,21%	0,51%	0,08%	0,14%	0,54%	0,44%	0,54%	0,31%

↓  
Continua

## 6. O QUE SE PASSOU?

		CGD	BCP	BES(1)	BST	BPI	CEMG	BANIF	CA	SOMA
2007	Crédito bruto	69 636	66 873	43 161	30 746	27 603	14 903	8 816	7 467	269 205
	Imparidades (saldo)	1 729	1 222	990	442	373	298	196	347	5 598
	Crédito líquido	67 907	65 650	42 170	30 304	27 230	14 605	8 620	7 120	263 608
	Imparidades (fluxos)	249,4	260	213	67	112	86	27	66	1 082
	Custo do risco de crédito	0,36%	0,39%	0,49%	0,22%	0,41%	0,58%	0,31%	0,88%	0,40%
2008	Crédito bruto	77 432,3	76 645,5	48 197,5	33 154,8	29 723,8	15 406,0	9 331,3	8 372,7	298 263,9
	Imparidades (saldo)	2 121,1	1 480,5	1 148,1	442,2	448,6	396,1	110,8	427,5	6 574,7
	Crédito líquido	75 311,2	75 165,0	47 049,5	32 712,6	29 275,2	15 009,9	9 220,6	7 945,3	291 689,2
	Imparidades (fluxos)	447,6	544,7	274,4	22,3	143,7	97,9	50	77,6	1 658,2
	Custo do risco de crédito	0,58%	0,71%	0,57%	0,07%	0,48	0,64	0,54%	0,93%	0,56%
2009	Crédito bruto	79624,2	77 348,2	50 531,2	32 905,8	30 486,6	15176,3	9 838,8	8858,8	304 769,2
	Imparidades (saldo)	2 405,2	2 157,1	1 552,3	487,5	530,4	493,9	197,1	467,3	8 290,8
	Crédito líquido	77 219,0	75 191,1	48 978,8	32 418,3	29 955,6	14 682,4	9 641,7	8 391,5	296 478,4
	Imparidades (fluxos)	416,8	560	539,9	96,3	166,4	147,8	89,4	77,9	2 094,6
	Custo do risco de crédito	0,52%	0,72%	1,07%	0,29%	0,55%	0,97%	0,91%	0,88%	0,69%
2010	Crédito bruto	84 517,0	76 411,3	52 606,1	33 350,7	30 608,9	15 075,9	10 333,7	8 606,2	311 510,0
	Imparidades (saldo)	2 609,8	2 505,9	1 777,0	536	553,9	521,8	305,8	537,7	9 348,0
	Crédito líquido	81 907,2	73 905,4	50 829,1	657	- 30 055,0	14 554,1	10 027,9	8 068,5	302 162,0
	Imparidades (fluxos)	369,1	713,3	351,8	113,7	-121,1	113	123,2	104,3	2 009,5
	Custo do risco de crédito	0,44%	0,93%	0,67%	0,34%	0,40%	0,75%	1,19%	1,21%	0,65%
2011	Crédito bruto	81 630,9	31533,1	51 210,8	29 011,9	28 994,5	17 477,1	9 881,4	8 587,0	298 326,7
	Imparidades (saldo)	3 383,2	3 487,8	2 167,4 <sup>a</sup>	671,9	676,3	770,5	371,7	598,7	12 127,5
	Crédito líquido	78 247,6	68 045,3	49 043,4	28 339,9	28 318,3	16 706,6	9 509,8	7 988,3	286 199,2
	Imparidades (fluxos)	825,9	1 331,9	600,6	227,7	213,2	150,1	133,6	111,5	3 594,4
	Custo do risco de crédito	1,01%	1,86%	1,17%	0,78%	0,74%	0,86%	1,35%	1,30%	1,20%

Continua

## 6. O QUE SE PASSOU?

		<b>CGD</b>	<b>BCP</b>	<b>BES(1)</b>	<b>BST</b>	<b>BPI</b>	<b>CEMG</b>	<b>BANIF</b>	<b>CA</b>	<b>SOMA</b>
2012	Crédito bruto	78 923,0	66 861,0	50 398,7	27 908,0	28 128,6	16 625,8	10 913,7	8 365,4	288 124,4
	Imparidades (saldo)	4 189,4	4 242,7	2 692,3	965,7	783,2	922,3	1 097,8	648,5	15 541,8
	Crédito líquido	74 733,6	62 618,2	47 706,4	26 942,4	27 345,5	15 703,5	9 816,0	7 716,9	272 582,5
	Imparidades (fluxos)	1010,3	1 684,2	814,8	378,1	-269,4	h. 171,3	410,7	113,3	4 852,2
	Custo do risco de crédito	1,28%	2,52%	1,62%	1,35%	0,96%	1,03%	3,76%	1,35%	1,68%
2013	Crédito bruto	74 586,9	60 222,3	49 722,3	27 173,4	26 897,1	166 66:7	9 129,2	8 198,6	272 536,4
	Imparidades (saldo)	4 512,4	3 420,1	3 387,4	1 077,9	931,9	1 051,5	1 160,2	706,7	16 248,1
	Crédito líquido	70 074,5	56 802,2	46 334,9	26 095,5	25 965,1	15 555,1	7 969,0	7 491,9	256 288,3
	Imparidades (fluxos)	817,8	820,8	1 005,1	197	272,6	298,8	298,3	139,5	3 850,0
	Custo do risco de crédito	1,10%	1,36%	2,02%	0,73%	1,01%	1,80%	3,27%	1,70%	1,41%
2014	Crédito bruto	72 093,9	57 168,4	41 150,2	26 685,6	26 305,6	16 612,1	7 905,7	8 147,4	256 068,8
	Imparidades (saldo)	5 230,3	3 482,7	6 116,6	1 161,6	1 036,7	1 385,9	1 050,7	837,5	20 302,01
	Crédito líquido	66 863,6	53 685,6	35 033,6	25 524,0	25 269,0	15 226,2	6 855,0'	7 309,8	235 766,9
	Imparidades (fluxos)	854,1	1 107,0	2 303,2	111,2	193,2	524,6	171,8	166,1	5 431,2
	Custo do risco de crédito	1,18%	1,94%	5,60%	0,42%	0,73%	3,16%	2,17%	2,04%	2,12%
2015	Crédito bruto	70 956,7	5 384,2	38 418,5	32 802,0	25 260,3	15 944,0	2 194,0	8 429,6	249 389,4
	Imparidades (saldo)	5 197,7	3 648,0	6 792,0	1 021,0	978,7	1 281,7	1 448,0	851,9	21 219,0
	Crédito líquido	65 759,0	51 736,2	31 626,6	31 781,0	24 281,6	14 662,3	746	7 577,1	228 170,5
	Imparidades (fluxos)	557,3	833	746,3	119,4	137	258,7	1 448,0	108,6	4 208,3
	Custo do risco de crédito	0,79%	1,50%	1,94%	0,36%	0,54%	1,62%	66,00%	1,29%	1,69%
2008 a 2015	Soma Imparidades	5 298,9	7 594,9	6 636,2	1 265,8	1 516,5	1762,11	2 725,0	898,9	27 689,3
	Imparidade Média	662,4	949,4	829,5	158,2	189,6	220,3	340,6	112,4	3 642,3
	Crédito bruto médio	77 470,6	67 696,7	47 779,4	30 374,0	28 300,6	16 115,5	8 691,0	8 445,7	284 873,6
	Custo do Risco de crédito	0,85%	1,40%	1,74%	0,52%	0,67%	1,37%	3,92%	1,33%	1,22%
	Custo do Risco de crédito (total)	6,80%	11,20%	13,90%	4,20%	5,40%	10,90%	31,40%	10,60%	9,70%

## 6. O QUE SE PASSOU?

### **Imparidades por Outros Activos**

Sem prejuízo de outros itens julgo que deveremos olhar para as participações ditas “estratégicas” da Caixa Geral de Depósitos.

No período de 2005-2007, as participações ditas “estratégicas” da CGD mantiveram-se num montante estável.

Ao contrário do que se poderia pensar, as participações financeiras da CGD não correspondem a uma estratégia pensada e friamente executada. No fundo e na essência correspondem à resposta a necessidades de aumento de capital por parte de um Estado carente de meios num processo que decorre essencialmente entre 1997 e 2003.

Na sua larga maioria resultaram pois da iniciativa do accionista Estado, através da entrada em espécie em aumentos de capital ou de recomposições societárias no sector público empresarial.

## 6. O QUE SE PASSOU?

	Data do início da participação	Motivo	% K	
			2005	2007
BCP	Maio de 2000	Processo Champalimaud	2,11%	2,20%
EDP	Dezembro de 1997 (1)	Permuta Parpublica	4,78%	5,30%
PT	Julho de 1998 (2)	Aumento capital pelo Estado	4,60%	5,73%
PTM	2003	Aquisição ao Caixa Banco Investim.	1,28%	13,98%
AdP	2002	Aumento capital pelo Estado(3)	20,37%	20,37%
REN	Dezembro de 2001	Aumento capital pelo Estado(4)	19,99%	20%
CIMPOR	2005	Aquisição pela CGD	4,56%	0 (5)
GALP	2006	Aquisição pela CGD	1%	1,07%

(1) Em Dezembro de 1997 através de permuta com a Partest entregou acções da Soporcel e recebeu 4,75% em acções não privatizadas da EDP que alienou em Nov 2004 à Parpública. Em Novembro de 2004 foram exercidos direitos de subscrição de 4,78k. Em Dezembro 2004 no âmbito do aumento de K a CGD recebeu 4,91% de acções não privatizadas da EDP que vendeu em 2005 à Parpublica com uma mais valia de cerca de 9 milhões.

(2) Aumento de capital da CGD em Julho 1998 e Junho 2000 + aumento de capital + participação 5ª fase da privatização.

(3) No processo de dissolução do IPE a CGD recebeu acções não privatizadas representativas de 20,37% da AdP em troca da sua participação no IPE.

(4) No aumento de capital de 2001 (200 milhões €) o Estado entregou à CGD um lote de acções não privatizadas representativo de 19,999% do capital social e valorizado em 160 milhões €.

(5) Mais valia realizada de 16,7 milhões de Euros.

## 6. O QUE SE PASSOU?

A crise que se inicia em 2008 tem um efeito muito significativo no conjunto destas participações financeiras. Em 31.12.2007 o valor de mercado da carteira de participações das empresas cotadas (BCP, Galp, EDP, PT e ZON) era de cerca de 2,100 milhões de € com um valor de aquisição de 1,770 milhões. Um ano depois, em 31.12.2008 e acrescida a carteira com acções da EDP Renováveis e da Brisa, o seu valor era de 1,246 milhões.

## 6. O QUE SE PASSOU?

### Margem Financeira, Resultados e Dividendos

A deterioração da margem financeira, e o aumento das imparidades de crédito e de outros activos reflectiram-se inevitavelmente na rentabilidade dos Bancos.

O ROE <sup>1</sup> do sector bancário cai de 19,1% em 2007 para 11,1% em 2008; 9,8% em 2009 e 8,6% em 2010.

No caso da CGD o quadro seguinte permite ver uma correlação clara.

milhões €

Anos	Margem Financeira (consolidada) (1)	Resultados (consolidados)	Dividendos	Impostos Correntes
2004	1417,9	408,0	0	21,4
2005	1454,5	537,7	195,0	124,6
2006	1777,9	733,8	260,0	265,8
2007	2032,0	856,3	340,0	315,2
2008	2201,4	459,0	300,0	-8,6
2009	1641,3	278,9	170,2	129,2
2010	1612,7	254,9	0	98,4
2011	1832,0	-488,4	0	96,9
2012	1357,2	-394,7	0	-6,3
2013	930,7	-575,8	0	67,6
2014	1038,3	-348	0	152,8
2015	1187,9	-171,5	0	-

(1) Margem Financeira alargada que inclui a margem de juros bem como os rendimentos de instrumentos de capital sob forma de dividendos

## 6. O QUE SE PASSOU?

### Caixa Geral de Depósitos (Milhões €)

	Aumentos de capital	Dividendos
2008 – 2015	2.800	470,2
2005 – 2007	150	795
2000 – 2004	1.000	1.218
<b>Total</b>	<b>3.950</b>	<b>2.483,2</b>



## 6. O QUE SE PASSOU?

**6.4** Tendo como pano de fundo a situação descrita e as novas exigências regulatórias.

### Aumentos de capital 2004 -2015

		Milhões de €					
		CGD	BCP	BES	BPI	BANIF	Soma
2004	Capital (início do período)	2.450,0					
	Aumentos de capital	500,0					
	Reduções de capital						
	Capital (final do período)	2.950,0					
2005	Capital (início do período)	2.950,0					
	Aumentos de capital						
	Reduções de capital						
	Capital (final do período)	2.950,0					
2006	Capital (início do período)	2.950,0					
	Aumentos de capital						
	Reduções de capital						
	Capital (final do período)	2.950,0					
2007	Capital (início do período)	2.950,0					
	Aumentos de capital	150,0					
	Reduções de capital						
	Capital (final do período)	3.100,0					
2008	Capital (início do período)	3.100,0	3.611,3	2.500,0	900,0	290,0	10.401,3
	Aumentos de capital	400,0	1.083,3				1.483,3
	Reduções de capital						0,0
	Capital (final do período)	3.500,0	4.694,6	2.500,0	900,0	290,0	11.884,6
2009	Capital (início do período)	3.500,0	4.694,6	2.500,0	900,0	290,0	11.884,6
	Aumentos de capital	1.000,0		666,7		200,0	1.866,7
	Reduções de capital			-333,3		-76,0	-409,3
	Capital (final do período)	4.500,0	4.694,6	3.500,0	900,0	566,0	14.160,6

▼ Continua

## 6. O QUE SE PASSOU?

Continuação

### Aumentos de capital 2004 -2015

Milhões de €

		CGD	BCP	BES	BPI	BANIF	Soma
2010	Capital (início do período)	4.500,0	4.694,6	3.500,0	900,0	566,0	14.160,6
	Aumentos de capital	550,0				214,0	764,0
	Reduções de capital						0,0
	Capital (final do período)	5.050,0	4.694,6	3.500,0	900,0	780,0	14.924,6
2011	Capital (início do período)	5.050,0	4.694,6	3.500,0	900,0	780,0	14.924,6
	Aumentos de capital	100,0	1.370,4	530,2	90,0		2.090,6
	Reduções de capital					-14,5	-14,5
	Capital (final do período)	5.150,0	6.065,0	4.030,2	990,0	794,5	17.029,7
2012	Capital (início do período)	5.150,0	6.065,0	4.030,2	990,0	794,5	17.029,7
	Aumentos de capital	750,0	500,0	1.009,9	200,0		2.459,9
	Reduções de capital		-3.065,0			-224,5	-3.289,5
	Capital (final do período)	5.900,0	3.500,0	5.040,1	1.190,0	570,0	16.200,1
2013	Capital (início do período)	5.900,0	3.500,0	5.040,1		570,0	16.200,1
	Aumentos de capital					1.012,2	1012,2
	Reduções de capital						0,0
	Capital (final do período)	5.900,0	3.500,0	5.040,1	1.190,0	1.582,2	17.212,3
2014	Capital (início do período)	5.900,0	3.500,0	5.040,1	1.190,0	1.582,2	17.212,3
	Aumentos de capital		2.241,7	1.044,6	103,1	138,5	3.527,9
	Reduções de capital		2.035,0				-2.035,0
	Capital (final do período)	5.900,0	3.706,7	6.084,7	1.293,1	1.720,7	18.705,2
2015	Capital (início do período)	5.900,0	3.706,7	6.084,7	1.293,1	1.720,7	18.705,2
	Aumentos de capital		387,5				387,5
	Reduções de capital						0,0
	Capital (final do período)	5.900,0	4.094,2	6.084,7	1.293,1	1.720,7	19.092,7
<b>2008/2015</b>	<b>Aumentos de capital</b>	<b>2.800,0</b>	<b>5.582,9</b>	<b>3.251,4</b>	<b>393,1</b>	<b>1.564,7</b>	<b>13.592,1</b>

## 6. O QUE SE PASSOU?

### O quadro mais célebre da crise: Capitalização bolsista dos maiores bancos mundiais

